

A família está viva!

ZILDA MACHADO

Embora alguns vaticinem o fim da família, não é bem isso o que se observa socialmente e o que a clínica psicanalítica nos demonstra. Na contemporaneidade, apesar das transformações sociais pelas quais está passando, a família vem ganhando cada vez mais importância. Apresenta-se em múltiplas conformações: monoparentais, homoparentais e mesmo multiparentais, a partir de filhos de várias uniões anteriores. Sem falar das famílias formadas através dos novos métodos de reprodução assistida. Sob o ponto de vista da psicanálise, a partir da escuta dos analisantes, pode-se dizer que a família continua viva! Ela é inventada, como sempre o foi, por todo sujeito quando consegue constituir sua filiação ao simbólico. Isso sim, é imprescindível para “se ter uma família”, aquela no seio da qual o sujeito se constitui e da qual ele poderá se separar.

Pois bem, estamos em uma nova época e a psicanálise é convocada a discutir aquilo que é de sua pertinência: a transmissão inconsciente que se dá no seio da família e a especifica como humana. Como e por que, apesar de tantas transformações, ainda podemos dizer que o estrutural se mantém? Ou, melhor dizendo: o que caracteriza a família humana? O que é esse “irredutível de uma transmissão” a que Lacan se refere no texto ‘Nota sobre a criança’ e que ele assegura ser a função da família? É a questão que tentaremos cernir neste trabalho.

A descoberta de Freud de que sua teoria da sedução continha um ponto de equívoco e que as lembranças de suas analisantes diziam respeito não propriamente a um acontecimento factual, mas à realidade psíquica, trouxe à tona a família para a psicanálise. Portanto, a família que interessa à psicanálise não é propriamente aquela observável, social e antropologicamente. É, antes, aquela constituída pela realidade interna do sujeito, a família formada por laços inconscientes que compõem as fantasias e as ficções provenientes da estrutura que se convencionou chamar “complexo de Édipo”.

No texto "O romance familiar" Freud desvelou essa estrutura a partir do relato de seus pacientes, pois traziam à tona a família inventada pelo sujeito. Constituída pela ficção, que enlaça os elementos que a compõem, a família criada pelo sujeito articula uma versão edípica do par parental e é condição para ele poder se constituir e posteriormente construir a necessária separação (separar: se parir, nos lembra Lacan em O seminário, livro 11) dos pais, condição de sua autonomia. É uma resposta inventada pelo sujeito a partir do impossível da articulação sexual.

e o que é o complexo de Édipo?

Tomado como modelo, por Freud, não do mito, mas da tragédia de Sófocles¹, o Complexo de Édipo é o enlaçamento dos seres falantes a partir da falta fundamental que os constitui. Como nos diz Lacan, "não há relação sexual", não há proporção entre os sexos. Essa é a castração situada no coração do ser do sujeito: o real marca a estrutura do ser falante por um vazio, é seu mais íntimo, que o coloca à procura do objeto a, seu complemento, no campo do Outro: o homem encontra seu objeto na mulher; já a mulher, na criança. Por isso mesmo, os seres falantes se ligam uns aos outros, formando laços que têm função de suplência à impossível complementaridade entre eles.

Dentre todos os tipos de laço, o amor é o maior e o mais importante. Assim se constituem os diversos agrupamentos humanos, sendo a família o principal deles, por sua importância, tanto para o processo de civilização com a regulação do gozo, quanto para a reprodução sexuada e a constituição do sujeito. Segundo Freud, o que levou o homem a constituir família, em tempos imemoriais, teve um fundamento duplo: a compulsão ao trabalho criada pela necessidade externa e o poder do amor. Foi o amor que fez o homem "relutar em privar-se de seu objeto sexual – a mulher – e a mulher, em privar-se daquela parte de si própria que dela fora separada – seu filho", nos diz Freud, concluindo que Eros e Ananke (o amor e a necessidade) são os pais da civilização humana².

Seguindo o que nos ensina a psicanálise, o que constitui a "boa família" para um sujeito é aquela em que pode metaforizar a falta que o constitui, a partir da operação da função paterna que

¹ Esclarecimento dado por Antonio Quinet em seu seminário "O inconsciente trágico e o real do Édipo", em Belo Horizonte.

² Freud, O mal-estar na civilização, Vol. XXI, P. 119/121.

a eleva ao simbólico. Advém daí a construção de uma metáfora, cujo resultado é a significação fálica, a possibilidade de se operar com a linguagem de maneira a dar significação ao mundo e a se inserir na partilha dos sexos, tendo o falo como ancoragem e referência.

Mas, como sabemos, a estrutura simbólica não recobre tudo e não é a única transmissão possível ao ser falante. Também o resto que escapa à simbolização se transmite de geração a geração participando da herança legada. Em *Moisés e o Monoteísmo*, Freud fala de “herança arcaica”³ – a transmissão de marcas mnêmicas do vivenciado pelos antepassados, e que, “*por não poderem ser transmitidas pela comunicação ou pela educação*”, transmitem-se através de resíduos. A essa parte heterogênea ao simbólico Lacan denominou Real e a ela articulou o objeto a.

³ Freud. *Moisés e o monoteísmo* (1939 [1934-38], p. 119)

Poderíamos então dizer, mais que pelos seus personagens, a estruturação da família se dá pela falta que constitui seus elementos, ou seja, o real. Esse é o legado que se transmite, causa do sujeito, o que o compele aos dois operadores da falta – o falo e o objeto a – a partir dos quais se ergue o aparelho psíquico e se enlaçam os seres falantes, com os recursos do simbólico, cuja premissa básica é o mal-entendido, como nos diz Lacan.

Portanto, para a psicanálise, a família é a cena na qual estão presentes os desejos inconscientes que a compõem, o palco onde o drama edípico se realiza, onde o sujeito se constitui. Ali estão presentes, não propriamente o pai, a mãe e o filho, mas o *sujeito*, o *Outro primordial* (que faz a função materna acolhendo o sujeito em sua subjetividade, onde circulam os objetos pulsionais e se transmite a língua materna, ou seja, alíngua), a *função paterna* (que se aloja na maneira particular como cada um pode ocupar a função do pai, a de enlaçar o desejo à lei) e o *operador fálico* que movimentam a estrutura. Mas não nos esqueçamos também de que a família é a morada do pequeno outro, o irmão, o semelhante, com toda a carga de drama imaginário que disso decorre.

Ou seja, a família é precipuamente o lugar no qual o sujeito pode, ao ser acolhido no desejo do Outro, receber a inscrição simbólica que o intima a se constituir sujeito, como uma resposta do real. A partir daí ele poderá encontrar seus próprios recursos, na estrutura que o determina, para realizar seu destino como ser falante.

Está em jogo então, para a família, a maneira como cada um pôde se haver com a falta que o constitui, como se posicionou diante dela e como a transmitiu para os seus descendentes. Por isso o que o pai transmite é a sua castração. Desse modo, está em questão a própria vivência edípica de cada um de seus elementos, de cada um dos cônjuges, numa transmissão que os coloca em uma linhagem perpetuada dos ascendentes aos descendentes e coloca o sujeito em um ponto de passagem, aquele da transmissão do mal-entendido.

Assim, acredito que, embora jurídica e socialmente todos tenham a sua família, para a psicanálise só podemos falar que de fato tem uma família aquele sujeito que puder constituir sua filiação ao simbólico. Somente este poderá articular uma continuidade psíquica entre as gerações e se contar em uma linhagem que o coloca em um ponto de passagem de seus ascendentes aos descendentes. Somente ele poderá “conquistar o que herdou dos pais para, de fato, constituí-lo seu”. E essa transmissão independe da conformação social e fenomenológica da família, mas única e exclusivamente da preservação das funções em seu seio, não de seus personagens.

A partir da posição diante do falo, homens e mulheres podem assumir o seu sexo: ter ou não ter o falo. Está em jogo, portanto, como a mulher construiu a saída para a sua falta fálica, aquela que funda o desejo sexual. A partir desse ponto ela pode vir a desejar um filho, como um substituto que venha compensar sua decepção de origem, ponto crucial de cuja interpretação dependerá a posição do sujeito.

Sabemos que a menina se “desliga” da mãe, seu primeiro objeto, e se dirige ao pai. Coberta de ressentimentos, ela busca no pai um refúgio, uma defesa. Não seria contra o horror da falta que ela percebe na mãe? Saber lidar com a própria falta não seria então aquilo que Lacan aponta em *O aturdito* como a menina esperar da mãe “um pouco mais de substância”⁴?

Também a posição do homem no complexo de Édipo entra uma complexidade. Aquilo que costumamos chamar de dissolução do conflito edípico parece não se processar de todo: isso se mostra na neurose. Na verdade, como aponta Lacan em *Televisão*, o que vemos é o homem permanecer ligado ao seu objeto primordial: “a Mãe permanece contaminando a mulher para

⁴ Lacan, *O aturdito*. Outros Escritos. (2003, p. 465)

o filhote do homem”⁵. Por isso ele precisa rebaixar a mulher para afastá-la da mãe e poder, assim, desfrutar do encontro sexual. Só na medida em que puder construir uma separação e elaborar o amor incestuoso pela mãe, é que o homem poderá escolher uma mulher e acolhê-la em sua subjetividade. Ou seja, só assim ele poderá tomar uma mulher como objeto causa de desejo. Pois, como nos aponta Freud no texto “Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor”: *“Deve-se afirmar que alguém [e aqui ele não fala só do homem, pois me parece ser esta uma questão para todo ser falante, haja visto tudo o que a psicanálise nos ensina sobre a relação da menina com a mãe] para ser realmente livre e feliz no amor, tem de sobrepujar seu respeito pelas mulheres e aceitar a idéia do incesto com sua mãe ou irmã”*⁶.

A conjugalidade é, portanto, um laço estreitado a partir da falta dos dois personagens e está em questão a posição de cada um em relação à falta que o constitui, ou ainda, ao objeto *a* que o causa e que se localiza no campo do Outro. “Amar é dar o que não se tem” nos lembra Lacan, mas por ele normalmente se cobra um bom preço. Então, na família, o amor enlaça esses seres de falta à procura de complementaridade, e às vezes o faz de tal maneira que o sujeito não consegue se desvencilhar para construir outros laços. Mas, não só o amor os enlaça. A família é o palco de todas as paixões humanas: amor, ódio, ignorância, e seus derivados de ciúmes, inveja e traições. O amor que une a família, muitas vezes, mais machuca do que nutre, mais adoece do que sara, mais aspira do que deixa respirar, levando-nos a constatar na clínica, muitas vezes, que aqueles que se sentiram menos amados, menos desejados, puderam construir melhor a separação.

a separação necessária

Mas separação de quê? Quando repetimos “o pai sempre incerto é, mas a mãe é certíssima”, de que mãe estamos falando? A que mãe o sujeito fica apenso, grudado? No texto *Os Complexos Familiares* Lacan nos fala da “Imago materna”⁷, aquela fixada no psiquismo a partir do complexo de desmame. E ali aponta que a imago da mãe deve ser sublimada para que o sujeito possa, a partir dessa operação, construir novos laços e integrar outros

⁵ LACAN, J. *Televisão*. In *Outros Escritos*, p. 531

⁶ Freud. *Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor*. (1912, p. 169)

⁷ Lacan. *Os complexos familiares na formação do indivíduo*. *Op.cit.*, p. 41

complexos ao psiquismo. Da mãe, portanto, é preciso se ter uma distância necessária. Sabemos o que significa a expressão: “ficar agarrado na barra da saia da mãe”.

Quando essa separação não ocorre, a imago materna, salutar em sua origem, mostra toda virulência, transformando-se em fator de morte, nos diz Lacan nesse texto. E continua dizendo que a análise dos casos onde isso não se dá, “mostra que, em seu abandono à morte, o sujeito procura reencontrar a imago da mãe”⁸. Vemos na prática do sepultamento, cujo sentido é o de retorno ao seio materno. É uma ligação estabelecida, portanto, entre a mãe e a morte. Trata-se “não de uma associação mórbida, mas genérica”, nos diz Lacan nesse texto, ou seja, ela pode ser percebida em outras práticas e ser observada inclusive, “em toda experiência psicanalítica conduzida até o final da análise”.

Então, quando Lacan diz nesse texto: a imago materna é “uma assimilação perfeita da totalidade do ser. Nessa fórmula (...) reconhecemos as nostalgias da humanidade: a miragem metafísica da harmonia universal – o abismo místico da fusão afetiva, a utopia social de uma tutela totalitária, todos saídos da obsessão com o paraíso perdido de antes do nascimento e da mais obscura aspiração à morte”, cabe uma pergunta: Não seria a mãe um dos nomes do Real? Uma das figuras do impossível? Está aí a questão da devastação para nos dar a dimensão daquilo que resta para além das significações possíveis entre a mãe e sua cria.

Estamos, portanto, na dimensão da Mãe Real, *das Ding*, aquela da qual nenhum sujeito pode de fato se separar, por não encontrar recursos para isso.

“Algo do psíquico é de natureza a não formar parte do simbólico. Não há simbolização da perda da mãe. A mãe simbólica é a que vai e vem (a do Fort-da), mas há a mãe real, aquela cuja ausência não é simbolizável. O impensável designa o lugar sem forma que nenhum significado pode habitar. (...) A escrita pode ser considerada como o meio de paliar o inominável do pai. Mas não existe aplicação correspondente para a mãe como das Ding. Como Coisa”⁹.

⁸ Lacan. Os complexos familiares na formação do indivíduo. Op.cit., p. 41

⁹ Bruno. Lo trascendente. In: Revista Digital a-NUDAMIENTOS.

Aquilo que é de estrutura, uma impossibilidade para todo ser falante, levou aos equívocos dos pós freudianos, que o responderam imaginariamente a esse ponto, culpando a mãe pelo desamparo e a carência dos analisantes.¹⁰ Se retomamos Lacan em *Televisão*: “a mãe contamina a mulher para o filhote do homem”, vemos que é na subjetividade da mãe que algo se processa de maneira a permitir o encaminhamento da questão. Justamente na subjetividade de uma mulher o filho será tomado como um substituto fálico, dependendo dela a possibilidade de entrar ou não o pai como efeito de estrutura na subjetivação do filho. Por isso dizemos que o Pai Simbólico é uma transmissão da mãe. Se a mãe fica satisfeita demais com o filho no papel de substituto, o lugar que ele vai ocupar é o de um tampão para a falta dela.

Logo, Lacan nos aponta que é nos avatares da sexualidade feminina que se prolonga a questão sobre a relação da mãe com seu filho. Se em Freud o filho é um substituto fálico, Lacan acentua também a dimensão impossível deste objeto. A cria não recobre totalmente a falta da mãe, porque algo nela excede aquilo que poderia se satisfazer pela via fálica. “Convém indagar se a mediação fálica drena tudo o que pode se manifestar de pulsional na mulher, notadamente toda a corrente do instinto materno”¹¹.

A mulher é não-toda fálica, portanto, a mãe, como mulher, pode não se satisfazer inteiramente com o falo. Este ponto na subjetividade da mulher abre lugar para o pai, ou seja, é na própria subjetividade dela que haverá transmissão. A parte mulher da mãe é o próprio limite a ser denominado pai. Portanto, a saída está na subjetividade da mãe como mulher. Na subjetividade dela apresenta-se o cavo no qual o sujeito pode amarrar sua linhagem. Seria então o Outro gozo, aquele que faz a mulher Outra para ela mesma, a presença do pai com o qual o sujeito poderá enodar sua linhagem? Seria esta a inscrição do pai da ex-sistência?

A questão está, portanto, na balança entre a mãe e a mulher. A “boa mãe” é aquela da qual é possível separar-se, aquela que acolhe o sujeito em sua subjetividade e lhe permite decidir a significação de seu desejo, justamente porque não está toda ali. Uma parte dela está referida a um para além do falo, portanto, para além do filho como substituto fálico, lugar no qual emergirá o pai ancorado no cavo de sua subjetividade.

Esse ponto entranha uma complexidade que é muitas vezes

¹⁰ Ver a parte III “A Mãe” do livro de Colette Soler “O que Lacan dizia das mulheres”.

¹¹ Lacan. “Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina” (1960.1998/ p. 739)

motivo de confusões na clínica. Poderiam as atividades da vida da mãe, sua carreira, por exemplo, funcionar como esse “para além do filho”? Por mais satisfação que o trabalho possa dar, ele deixa a descoberto a parte mulher daquela mãe, trata-se ainda de satisfação pela via fálica. A mulher é aquela que consente em extrair sua cota de gozo, entranhando, portanto, o corpo a corpo. Por isso é fundamental que ela não desista de procurar em um homem aquilo que lhe falta. Neste ponto se encontra a balança que introduz o pai imaginário: é fulano. Trata-se do parceiro necessário, aquele apontado e nomeado pela mãe. Na clínica vemos casos de famílias monoparentais onde a criança coloca no horizonte a nomeação do pai: “quando minha mãe casar, terei um pai”. O pai está no horizonte, o que é diferente de não ter pai. Ou então a criança constrói um desenho do pai que ela vai ter quando a mãe casar. Ambos os exemplos nos mostram o que Lacan aponta: o pai é aquele que está referido a uma mulher, melhor ainda, é aquele que converte a mãe em uma mulher. A clínica nos mostra: se não está presente, o pai pode ser inventado. O pior, muitas vezes, é a presença de um pai que impede a função paterna.

a função do pai

Para a psicanálise, o pai está, portanto, longe de ser o genitor. Na estrutura ele é o parceiro necessário, aquele que encarna uma função, que vem se assentar no lugar apontado pela mãe e que validará a transmissão simbólica. Embora a mãe, como ser falante, promova a entrada do sujeito na ordem simbólica, e que suas idas e vindas, a ratifique com a lei transmitida pela mãe é onipotente, arbitrária, regida por sua vontade. Ela dá ou não dá, conforme seu capricho. Entretanto, se a mãe se interessa por algo mais além da criança, abre para o sujeito a possibilidade de percebê-la como desejante. O que ela quer? A resposta é um enigma. É aí, como assinala Lacan, que a mãe é afetada em sua potência e um lugar terceiro é apontado. Surge assim a instância paterna como metáfora, uma função significante que se inscreve no Outro, no qual um nome virá substituir o lugar da ausência da mãe. Este significante é o Nome-do-pai.

Na fórmula da metáfora paterna, o Nome-do-pai vem substituir o Desejo da mãe e, como resultado, o Desejo da mãe é

barrado. Há a inclusão desse significante no Outro, e abre-se ao sujeito a via da significação fálica: o que a mãe quer está, a partir daí, significado no falo. Desse modo, com o falo se instaura a falta (Φ : aqui falta) e também a função fálica ($-\phi$), com a possibilidade de o sujeito, a partir daí, dar uma significação ao mundo e inserir-se na partilha dos sexos. Opera-se, assim, a castração simbólica. Este é o Édipo freudiano formalizado por Lacan em um matema.

No caso onde o Nome-do-pai foi validado pela operação de significantização, podemos dizer que operou o Pai Simbólico, aquele que teve sua origem na mãe, possibilitando a inclusão do significante Nome-do-Pai no Outro.

Em suas últimas elaborações sobre esse assunto, no seminário RSI, Lacan nos mostra que o pai se define por uma função de interdição na estrutura, advinda pelo respeito à sua palavra, alcançada a partir do fato desse homem estar direcionado a uma mulher. Ou seja, a garantia da função do pai está dada pelo sintoma do homem, aquele que o leva a tomar uma mulher como causa de seu desejo e, acrescenta Lacan, que ele queira ter filhos com ela e que destes tenha cuidado paternal. Por esse sintoma o pai pode articular para o sujeito aquilo que é a “função do pai”: o enlaçamento do desejo à lei, ao apresentar para a criança a interdição da mãe (“essa mulher não”); mas, ao mesmo tempo, ele próprio transgredir a proibição ao tomá-la como mulher.

Só assim o pai opera enquanto agente da castração, a falta inserida em uma troca simbólica. Não é por rivalidade, represália ou competição que se inscreve esta proibição, mas porque a castração é para todos. O pai só pode desfrutar dessa mulher se também aceitou perder aquela outra, sua mãe.

Lacan postula o pai como uma função, mostrando-o como agente do qual o sujeito pode até prescindir, com a condição de dele se servir. Por isso formula os conceitos de Nome-do-Pai e de metáfora paterna (a matemização do Édipo), e depois os “Nomes do pai”, chegando ao sintoma como um dos Nomes do Pai, o que na estrutura faz a função de interdição.

Lacan demonstra uma amarração das versões do pai e um postulado: a psicanálise precisa ir para além do pai, ao $S(A)$, porque a crença no pai deixa o sujeito na impotência, no desamparo, ou seja, perpetuado na condição de filho. Sempre se espera do pai

que ele tenha um saber sobre o gozo e que venha interditá-lo para proteger o sujeito: “dizei uma só palavra e serei salvo!”. Mas o pai não diz, não diz por que nenhum homem pode ocupar esse lugar ao qual é chamado na estrutura. “Pai, não vês que estou queimando?” Que homem poderia responder a esta pergunta? Por isso Lacan fala que o pai é sempre insuficiente, humilhado, pois está sempre aquém do lugar ao qual é convocado, ou seja, está em falta com a função. E é justamente isso que nos constitui neuróticos, nos melhores dos casos. Somos sempre compelidos a forjar o sintoma, aquele que vai operar, na estrutura, a função paterna.

a desfiliação

A família é, portanto, o local onde se realizam os complexos nodais da neurose¹² com os sintomas que constituem o principal recurso do sujeito, a partir do trabalho simbólico. No texto os Complexos familiares Lacan aponta a neurose para além de uma patologia, como uma maneira do sujeito “mostrar em sua pessoa” as imagens do drama existencial do ser humano.

Então, seja qual for a conformação familiar na qual se nasce, o que importa de fato é se ela favoreceu ou não a filiação ao simbólico. Se isso aconteceu, o sujeito encontrará seus próprios recursos, constituirá seus sintomas e seu romance familiar em que articulará a função do pai e a versão da mãe como mulher (o sujeito imagina a mãe como uma mulher infiel e a ela relaciona um homem mais forte e mais potente, mais capaz de dar conta do gozo dela como mulher). Assim, constrói uma versão edípica do casal parental, o que constitui uma suplência à função do pai. Com isso constrói para si, e em si, a necessária separação da mãe, ligando-a a um outro que não ele mesmo.

Assim, o sujeito pára de se oferecer como o objeto que viria completar a mãe. Portanto, esta é a estrutura: a função da mãe, ao oferecer a linguagem, dá o banho de língua que libidiniza o sujeito e, ao acolhê-lo em sua subjetividade, permite a constituição do sujeito. A função do pai é enlaçar o desejo à lei, ao transmitir a castração.

Dos pais, porém, espera-se sempre mais do que isso. Espera-se que eles encarnem o Outro. Mas, o Outro não existe. Por isso, para essas funções, os seres falantes, todos nós, somos

¹² Lacan. Os complexos familiares na formação do indivíduo. Op.cit., p. 76

sempre insuficientes, pois, quem poderá dar garantias para o desamparo? O Outro não existe.

O embate que se dá na família, portanto, advém do fato de ser constituída por um buraco, uma falta, um 'troumatisme'. O verdadeiro trauma é esse, e é de estrutura, mas é o que nos constitui sujeitos. Se tomamos Lacan em O Mal entendido, diremos que o verdadeiro é termos nascido da trama, da urdidura do desejo do Outro, mergulhados no mal-entendido (premissa do simbólico) que nos gerou, e que continuaremos também transmitindo para todo o sempre. Pois, como nos diz Lacan quando fala do desejo de ter filhos: "Lembrem-se que ocorre frequentemente que o fundo do desejo de [ter] uma criança é simplesmente isso que ninguém diz: "que ele seja como qualquer um, que ele seja minha maldição sobre o mundo"¹³.

Estamos também inseridos nessa linhagem, aquela da transmissão do mal entendido, da 'maldição'. O mal dizer é de estrutura. Caberá a cada um tomar o seu quinhão e se arranjar com o simbólico como puder. Pois, como nos diz Lacan em O Aturdido: "como se reproduz o homem? Reproduzindo a pergunta, eis a resposta". Contudo, uma vez que por estrutura não podemos responder a questão, só nos resta transmitir a castração, e a maneira como cada um de nós pôde trabalhar com ela.

Não é culpa de papai e mamãe, ao contrário, a solução é justamente essa: ser tomado na subjetividade de uma qualquer (no sentido de Qual quer?) a que responder com seu desejo, esta é a mãe (o filho do homem é sempre adotivo). E esta, por estrutura, carrega em si mesma a falta que a endereça a um homem suposto ter o que ela deseja, e que poderá ser nomeado "pai". Homem que, por sua vez, também carrega em si a falta que o coloca vertido, endereçado a uma mulher. E assim caminha a humanidade...

Em outras palavras, sejamos mais felizes de ter a família que temos, intrapsiquicamente, pois foi ela que nos possibilitou ser o que somos. E daí, quem sabe, também possamos ter uma certa (con)descendência ou até mesmo uma comiseração com os nossos. Pois afinal, estamos numa linhagem da falta, numa herança da falta, numa transmissão da falta. E é esse o nosso maior bem: saber lidar com ela, coisa que só o simbólico permite, para além da decifração, na invenção.

O que a psicanálise permite a um sujeito é atingir um saber

¹³ Lacan. Seminário da Identificação. Lição de 28/03/62. Inédito.

sobre o que o causa e bem dizer sua determinação simbólica, sua maldição, operando um corte com o destino. No século XX, o pequeno Hans, o Homem dos Ratos e muitos outros tiveram seus impasses e souberam lidar com eles. Diante de um pai insuficiente, Hans construiu para si mesmo um sintoma que lhe fez as vezes dessa função, depois, com a ajuda da psicanálise, conseguiu construir, pela palavra, uma outra saída. Os sujeitos do século XXI, com todas as transformações pelas quais a família está passando, terão também os seus impasses e a psicanálise terá muito a aprender com eles, pois sabemos que o "Inconsciente é saber fazer com a língua"¹⁴, o recurso maior do sujeito.

¹⁴ LACAN. O Seminário, livro 20: Mais, ainda. (1972-1973. p. 190.)

- BRUNO, Pierre. Lo trascendente. In: Revista Digital a-NUDAMIENTOS. <http://www.carlosbermejo.net/a-nudamientos4/4.htm>
- FREUD, Sigmund. (1939 [1934-38]). Moisés e o monoteísmo. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (ESB)*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XXIII.
- FREUD, Sigmund. (1912). Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor. (Contribuições à psicologia do amor II) In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (ESB)*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XI.
- FREUD, Sigmund. (1909[1908]). Romances Familiares. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (ESB)*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. IX.
- FREUD, Sigmund. (1930 [1929]). O mal-estar na civilização. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (ESB)*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XXI.
- LACAN, Jacques. Os complexos familiares na formação do indivíduo. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 2003.
- LACAN, Jacques. Televisão. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 2003.
- LACAN, Jacques. "Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina" (1960). In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- LACAN, Jacques. O Seminário, livro 4: *A relação de objeto*. (1956-1957). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.
- LACAN, Jacques. Seminário RSI (1974/1975). Inédito.
- LACAN, Jacques. Seminário da Identificação (1961/1962). Inédito.
- LACAN, Jacques. Prefácio a O despertar da primavera. (1974). In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 2003.
- LACAN, Jacques. Seminário De um discurso que não seria do semblante. Inédito.
- LACAN, Jacques. O Seminário, livro 20: *Mais, ainda*. (1972-1973). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- LACAN, Jacques. O Mal-entendido (1980). In Documentos para uma Escola. Revista Letra Freudiana - Escola, Psicanálise e Transmissão. Ano I, n. 0. Publicação fora do comércio.
- LACAN, Jacques. O aturdido. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 2003.
- SOLER, Colette. O que Lacan dizia das mulheres. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

resumo

Neste trabalho, tomando como referência o que diz Lacan em "Televisão", tentarei elaborar o que é a família para a psicanálise. Se na contemporaneidade temos visto as profundas transformações pelas quais a família está passando, a partir de que coordenadas podemos dizer que o estrutural – aquilo que a especifica como "humana" - se mantém? Tentarei demonstrar que o pai é uma função e que a mãe é aquela que responde com seu desejo. A partir daí, caberá ao sujeito encontrar seus próprios recursos para realizar seu destino como ser falante.

palavras-chave

família, inconsciente, família contemporânea,
desfiliar-se

abstract

In this essay, referencing Lacan in his essay entitled "Television", I will try to elaborate on what is the family in psychoanalysis. If in present time we have been seeing the transformations that the family structure is going through, from what coordinates can we say that the structural - what specifies it as "human" - is maintained? I will try to demonstrate that the father is a function and the mother is the one that responds with her wish. From there, the subject must find its own resources to realize its destiny as a talking being.

key words

Family, subconscious, contemporary family,
"desfiliar-se"

recebido

10/01/2008

aprovado

21/03/2008